



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8592 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 15 - Educação Especial

DO CASULO À BORBOLETA: INCLUSÃO E FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DA ESCOLA COMUM X ESCOLA WALDORF

Rosângela Gonçalves Rocha - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT

Luciana Sarno Pagliarini - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT

DO CASULO À BORBOLETA: INCLUSÃO E FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DA ESCOLA COMUM X ESCOLA WALDORF

INTRODUÇÃO

Inspiramo-nos em duas experiências desenvolvidas no âmbito da Escola Comum Inclusiva e da Escola Waldorf, pois o professor reflexivo, em atuação na Sala de Aula Comum/Sala de Recurso Multifuncional, é primordial ao desenvolvimento da educação especial, assim como o olhar de educadores que atuam na sala multifuncional, aliado ao de um profissional de psicologia da escola Waldorf, relaciona a teoria à prática, no espaço escolar inclusivo. A Pedagogia Waldorf se aplica na base curricular, à compreensão do desenvolvimento humano da Antroposofia de Rudolf Steiner. O olhar investigativo dessa teoria se destaca, no contexto da educação inclusiva, por seu caráter humanizador, que se aprofunda à constituição do ser humano, suas capacidades e necessidades.

A proposta da oferta de uma educação inclusiva mudou o cenário educacional, que passou a exigir outra postura do professor, tanto da sala de aula comum, quanto da multifuncional para que os direitos das PcD fossem garantidos. Exigiu-se uma conexão entre esses professores, com olhares voltados ao processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno com deficiência. Foi preciso pensar nas adaptações pedagógicas específicas ao atendimento a esse aluno sem que as temáticas dos planejamentos escolares fossem modificadas.

Observamos, como educadores da sala multifuncional, que, mesmo oferecendo as orientações necessárias ao professor da sala comum, havia uma certa resistência/dificuldade, no sentido de pensar e executar planejamentos que atendessem às especificidades de cada

aluno – seja especial ou não. Percebemos, então, que era fundamental provocar uma reflexão sobre a nossa prática profissional, fundamentando-a em uma teoria que vislumbrasse autonomia e humanização dos sujeitos envolvidos no processo educacional. O professor, enquanto profissional, deve pensar nas razões que o levaram à profissão, para que ele se posicione diante do mundo, já que ele “[...] deve ser um prático e um teórico da sua prática”, pois “a reflexão sobre o seu ensino é o primeiro passo para quebrar o ato de rotina” (ALARCÃO, 2005, p. 82-83).

DESENVOLVIMENTO

A partir da proposta de uma escola inclusiva, algumas mudanças foram necessárias, e, uma delas – talvez a mais importante – foi o resgate da ideia de um professor reflexivo, ativo, criativo e amoroso, que não olhe só para fora, mas para dentro, pois “a reflexão é o movimento realizado entre o fazer e o pensar, entre o pensar e o fazer, ou seja, no “pensar para o fazer” e no “pensar sobre o fazer”” (FREIRE, 1996, p. 38). Esses movimentos são inevitáveis e intimamente ligados. Não há reflexão sem ação, especialmente quando pensamos na inclusão de crianças que são PcD. Cabe ao professor projetar e rever seu rumo e suas ações, para que possa se orientar e orientar ao outro.

A Pedagogia Waldorf é embasada no indicativo das etapas evolutivas percorridas pela criança, propondo, para cada série, atividades pedagógicas específicas que visam o desenvolvimento das capacidades latentes e das habilidades. Uma dessas bases é a necessidade da postura diferenciada do professor, que deve respeitar a individualidade de cada aluno e da turma com que trabalha. O mais desafiador é o caminho do autodesenvolvimento do professor, pois é por meio dele que a prática se torna coerente. As atividades propostas por essa pedagogia indicam que, para ocorrer a mudança na ação com o aluno, é necessário passar antes, pelo interior do professor. “Quem ensina conhece a busca pelo caminho certo, atuante e entusiasmante na pedagogia [...] O professor somente encontra o caminho quando ama a matéria, quando santifica a matéria a partir de sua profundidade” (WIECHERT, 2005, p. 38).

O entusiasmo do professor não deve estar voltado somente à matéria, mas a tudo o que deve apresentar aos alunos. Deve ser uma inspiração aos alunos por sua conduta e entusiasmo, por isso, precisa caminhar em suas descobertas interiores, pois “O caminho da busca do Professor Waldorf é [...] com constantes descobertas e aventuras interiores, pois [...] poderemos encontrar [...] maior êxito possível em nosso trabalho” (MICHEL, 2006, p. 40).

Há uma gama de materiais e indicações de atividades à formação do Professor Waldorf, desde o Seminário de Formação específico a algumas atividades dirigidas, tais como exercícios meditativos práticos e simples (individuais), como a atividade chamada “Pedagógica” (em conjunto), em que todos se dispõem a refletir sobre uma situação complexa que ainda não tenha sido solucionada, além do desenvolvimento de competências e habilidades, indicando um caminho de fortalecimento de virtudes que pode ser desenvolvido em situações diferentes.

Diante temas contemporâneos é que se colocam as 7 Virtudes na Arte de Educar. Três forças basilares vivificarão a Pedagogia Waldorf no coração dos professores: a necessidade de fantasia, sentido de verdade e sentimento de responsabilidade. Essas forças se relacionarão com 4 ideais que ele deve exercer: ser uma pessoa de iniciativa e interesse; não fazer compromisso com a inverdade; não se ressecar ou azedar. Para Zimmermann (2012), o ideal é quando podemos nos expressar livremente no sentido de realizar as atividades de maneira que elas possam produzir entusiasmo quando se pretende realizar algo, pois assim, “se tem uma

meta sobre a qual se está entusiasmado, então é o contrário de cansaço” (ZIMMERMANN, 2012, p. 31).

A autora nos explica que “sem a capacidade de fantasia, nós nos tornamos azedos” (ZIMMERMANN, 2012, p. 33). Complementa dizendo que: “[...] A iniciativa se transforma em uma força que não serve a uma pessoa, mas que atua constituindo comunidades”. (ZIMMERMANN, 2012, p. 33), já que “o ser humano com iniciativa pode tornar ora um ser com iniciativa para consigo próprio, ora para com uma causa” (ZIMMERMANN, 2012, p. 33).

Um dos exercícios que colaboram com esse olhar mais apurado do professor é o compartilhamento das impressões de cada um sobre o seu aluno, trazendo aspectos além do pedagógico. A atividade promove um olhar empático e troca de ideias a novas condutas pedagógicas. Porém, às vezes apresentam-se questões mais complexas que exigem do professor uma prática reflexiva que colabore a um olhar mais aprofundado. Assim, a equipe combina semanas antes da data marcada que façam, individualmente, observações sobre o aluno ou turma que apresentam algum problema. Essa observação não deve ser um julgamento. Quando já reunida, a equipe que trabalha com a questão deve se concentrar em um exercício em conjunto: que cada professor, de forma neutra, sem inferências pessoais ou julgamentos, descreva os aspectos da situação do aluno, sejam de ordem emocional ou comportamental.

Cada professor expõe seu olhar de forma objetiva e, quando todos tiverem finalizado sua fala, teremos uma imagem ampliada desse aluno. Tal imagem engrandece o saber das manifestações do aluno em diversas perspectivas, pois será contemplado com os relatos de diversos professores. Quanto mais detalhada essa imagem for, mais compenetrado é o olhar do professor, colaborando à sua aproximação da essência e intimidade do aluno.

A equipe pedagógica relata, geralmente, que, além de aprender, nota-se que nesse espaço eles se sentem acolhidos para expor dificuldades próprias e encontrar soluções à sua prática, como no relato de uma professora recém formada que percebia que alguns alunos se tornavam resistentes em participar da aula. Ela não compreendia o porquê de ela, sendo tão amorosa, organizada e atenciosa, ter problemas com os alunos. Com os cursos que apontavam sobre a interferência dos aspectos emocionais no envolvimento pedagógico, ela verbalizou “*compreendi que não é comigo ou minha matéria, mas que esse aluno tem dificuldades pessoais que os prejudica*”. Essa compreensão criou empatia na professora, proporcionando maior vínculo, facilitando a condução pedagógica.

As ações pedagógicas de inclusão na escola Waldorf podem ser compreendidas como voltadas para incluir a todos, inclusive PcD. São inúmeras experiências de aprendizado e superação. Numa turma, uma aluna surda com implante coclear iniciaria sua alfabetização. Ela fazia acompanhamento fonológico para oralização. Sua fonoaudióloga, reunida com a equipe pedagógica, apresentou o processo de desenvolvimento da audição e como isso refletia na aprendizagem. Foi um novo desafio à professora alfabetizadora. Após essa formação, houve um entusiasmo na professora em perceber que usaria o que aprendeu, não somente à aluna surda, mas com outros alunos que tinham dificuldade em compreender a aula. Tal experiência teve sucesso, estimulando outros professores a tomarem novas atitudes inclusivas.

Sobre esse autodesenvolvimento, uma professora se propôs a, antes das aulas, mentalizar, em um ato de meditação, sua turma em harmonia. Contou a todos sobre a atitude mental, quando se encontrava organizando os materiais e a sala. Ao longo do ano, o bom envolvimento entre os alunos e a equipe pedagógica foi expressivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação à escola comum inclusiva, por meio da observação diária das práticas pedagógicas, compreendemos o quão necessário é o envolvimento por parte da comunidade escolar, no que tange ao processo de inclusão da PcD, o que ocorre por meio da reflexão coletiva e horizontal, na busca de construir práticas sustentadas por uma teoria que promova autonomia, com mudanças nas duas vias: professor e aluno.

Por isso, a reflexão deve ser um norte no caminhar pedagógico, dando sentido à identidade e à competência profissional reflexiva e autônoma do professor, com vistas a garantir o acesso à educação de qualidade a todas as crianças, especialmente às PcD, que necessitam de estratégias didáticas diferenciadas. Estejamos, sempre alertas com relação às nossas atitudes, refletindo constantemente sobre as práticas, olhando para dentro de nós para ver o outro. Assim, a escola comum inclusiva, em relação à formação continuada do professor, deve ser menos informativa e mais formativa, instrumentalizando-o com práticas de autoconhecimento para lidar com as diversidades, pois a Pedagogia Waldorf tem muito a contribuir em relação à formação continuada de professores de escola comum e inclusiva.

Observamos, ao longo das atividades vividas, que o foco principal foi o desenvolvimento das capacidades e habilidades no professor, fomentando reflexões em seu fazer pedagógico, indicando novas perspectivas para repensar sua atuação pedagógica. A consequência desse processo é um professor atuante, corajoso e acolhedor das questões desafiadoras, criando um olhar sensível e apurado, facilitando a inclusão de todos.

O autodesenvolvimento perpassa o próprio “coração” do professor e orientações específicas ou técnicas que virão por meio de cursos, entre outros. O primeiro passo, no entanto, é o trabalho interno, quando se propõe a ampliar sua consciência por meio de novos conhecimentos e práticas. Esse pensar reflexivo pode ocorrer, transformando professor, aluno e todo o ambiente escolar.

Palavras-chaves: Inclusão. Formação Continuada. Professor Reflexivo. Pedagogia Waldorf.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. (org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 2005.

FONTANA, Maire Josiane; FÁVERO, Altair Alberto. Professor reflexivo: uma integração entre teoria e prática. **Revista de Educação do Ideau**, v. 8, n. 17, jan./jun., 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

WIECHERT, Christof. **As competências da profissão de professor e as sete virtudes da arte de educar**. São Paulo: FEWB, n. 22, p. 38-39, ago., 2005.

LANZ, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. São Paulo: Antroposófica, 2005.

MITCHELL, David. **A higiene anímica do professor**. São Paulo: FEWB, n. 25, p. 34-40, fev., 2006.

ZIMMERMANN, Heinz. **O caminho interior do professor**. São Paulo: FEWB, n. 54, v. 55, p. 31-35, mar., 2012.